



Revista Brasileira de História da Educação

ISSN: 1519-5902

ISSN: 2238-0094

Sociedade Brasileira de História da Educação

Silva, Bruno Adriano Rodrigues

Uma cultura escolar de esporte no Instituto Evangélico, Lavras, Minas Gerais (1893-1919)

Revista Brasileira de História da Educação, vol. 17, núm. 2, 2017, Abril-Junho, pp. 56-82

Sociedade Brasileira de História da Educação

DOI: 10.4025/rbhe.v17n2.854

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=576161727004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](http://redalyc.org)

UABM [redalyc.org](http://redalyc.org)

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa  
acesso aberto

# Uma cultura escolar de esporte no Instituto Evangélico, Lavras, Minas Gerais (1893-1919)

Bruno Adriano Rodrigues Silva\*

**Resumo:** Neste artigo, o objetivo é analisar de um ponto de vista histórico a relação entre o esporte e a escola no âmbito do Instituto Evangélico (1893-1919). Essa instituição educacional situa-se na cidade de Lavras, sul de Minas Gerais, e foi fundada por missionários protestantes do Sul dos Estados Unidos da América. Trabalhamos com a hipótese de que ela desenvolveu uma cultura escolar de esporte. Nesse caso, investigamos sua constituição histórica e suas características, bem como sua interface com o esporte. Utilizamos fontes primárias (documentos, prospectos e jornais) e secundárias (livros e uma tese) como material empírico. Concluimos que, ao mesmo tempo em que era propositiva em relação ao esporte, tal instituição educacional também permeável a ele.

**Palavras-chaves:** cultura escolar de esporte, Instituto Evangélico, Lavras (MG).

---

\* Doutor em Educação, Professor Adjunto II, Universidade Federal de Lavras (UFLA). Lavras, Minas Gerais, Brasil. E-mail: [bruno.rodrigues@def.ufla.br](mailto:bruno.rodrigues@def.ufla.br)

## A school culture of sports at the Evangelical Institute, Lavras, Minas Gerais (1893-1919)

Bruno Adriano Rodrigues Silva

**Resume:** The objective of this paper was to analyze from a historical point of view the relationship between sports and school at the Evangelical Institute (1893-1919). This educational institution is located in the city of Lavras, southern State of Minas Gerais and was founded by protestant missionaries from the Southern United States. We hypothesized that it developed a school culture of sports. In this case, we investigated its historical constitution and its characteristics as well as its interface with the sport. We used primary (documents, brochures and newspapers) and secondary (books and a thesis) sources as empirical material. We concluded that, at the same time that the Educational institution was purposeful in relation to sports, it was also permeable to them.

**Keywords:** school culture of sports, Evangelical Institute, Lavras (MG).

## Una cultura escolar del deporte en el Instituto Evangélico, Lavras, Minas Gerais (1893-1919)

Bruno Adriano Rodrigues Silva

**Resumen:** El objetivo de este artículo es analizar de un punto de vista histórico la relación entre el deporte y la escuela en el ámbito del Instituto Evangélico (1893-1919). Esta institución educativa se encuentra en la ciudad de Lavras, al sur de Minas Gerais, Brasil, y fue fundada por misioneros protestantes del sur de los Estados Unidos de América. Trabajamos con la hipótesis de que ella desarrolló una cultura escolar de deporte. En este caso, se investigó su constitución histórica y sus características, así como su interfaz con el deporte. Utilizamos fuentes primarias (documentos, folletos y periódicos) y secundarias (libros y una tesis) como material empírico. Se concluye que mientras que el propósito era la educación en relación al deporte, también era permeable a él.

**Palabras clave:** cultura escolar del deporte, Instituto Evangélico, Lavras (MG).

## Introdução

As discussões acerca da relação entre o esporte e a escola não são novas na área da Educação Física. Aparecem em casos isolados sobre experiências escolares a partir dos anos finais do século XIX e início do século XX, mantêm-se na década de 1920, quando essa instituição passou a conviver com certo ‘clima esportivo’ – a intensificação da presença do esporte nas práticas escolares – e ganham mais vigor a partir de 1950, quando o esporte passou a predominar como conteúdo da Educação Física. A explicação para esse fato é que suas interseções sociais seriam mais adequadas ao momento de transformações por que passava a sociedade capitalista brasileira naquele momento histórico (Cunha Junior, 2011; Linhares, 2009; Bracht, 1999).

Tal processo, no entanto, somente começou a ser analisado de um ponto de vista crítico a partir da década de 1980, quando professores da Educação Física passaram a frequentar cursos de pós-graduação em educação e tiveram contato com as teorias críticas dessa área do conhecimento (Bracht, 2000). O lastro dessa discussão é tal que, inclusive, uma diferenciação foi construída como forma de problematizar o fenômeno esportivo na instituição escolar: o ‘esporte na escola’ e o ‘esporte da escola’ (Betti, 1991; Bracht, 1987; Oliveira, 2001).

A primeira expressão pode ser definida pela presença integral do fenômeno esportivo no âmbito escolar, isto é, por sua predominância sobre a disciplina Educação Física. Nesse caso, o desenvolvimento das atividades escolares é fundamentado apenas nos conteúdos do esporte: o aprimoramento da técnica, da tática e do desempenho em função das competições esportivas. Já a segunda expressão, pode ser definida pelo esporte como um dos diferentes temas abordados pela disciplina Educação Física, a exemplo da dança, das lutas, da capoeira, da ginástica, dos jogos e das brincadeiras, entre outras práticas corporais. Nesse caso, sua finalidade é a socialização (reflexões sociais acerca do esporte), o desenvolvimento de estratégias motoras e o aprendizado dos códigos e regras escolares (Betti, 1991; Bracht, 1987; Oliveira, 2001).

Historicamente, essas definições podem ser ilustradas pelo que se pratica em diferentes instituições escolares. No entanto, neste artigo trabalhamos com a hipótese de que, em algumas instituições, principalmente em razão de suas constituições históricas, uma formulação não se impôs sobre a outra. Ao contrário, em alguns casos, é possível que se se tenha estabelecido uma relação de diálogo, desenvolvendo-se, com

isso, uma ‘cultura escolar de esporte’ (Vago, 1996). Assim, definimos que nosso objetivo seria analisar o Instituto Evangélico de Lavras em sua relação com o esporte.

Trata-se de uma instituição escolar de origem protestante, fundada por missionários presbiterianos do sul dos Estados Unidos da América em 1874 na cidade de Campinas (SP). Em 1893, a escola foi transferida para a cidade de Lavras (MG) e ali permaneceu como uma forma de propagação daquela doutrina<sup>1</sup>.

Orientamo-nos pelas seguintes perguntas. Como se deu a constituição histórica e quais eram as características dessa instituição escolar? Como foi sua interface com o esporte e como ele foi organizado? No âmbito das práticas escolares e esportivas, é possível identificar a presença de uma cultura esportiva na instituição? Ou seja, a instituição foi propositiva e ao mesmo tempo permeável em relação ao esporte?

Utilizamos como material empírico fontes secundárias e fontes primárias que tratam da constituição do Instituto Evangélico de Lavras e de sua relação com o esporte no período que vai de 1893 até 1919: i) documentos, prospectos e um periódico, *O Estudante*, produzidos pelo Instituto Evangélico de Lavras; ii) periódicos produzidos na cidade de Lavras<sup>2</sup>.

Consideramos que o estudo dessa prática social, o esporte - em nosso caso, em sua relação com uma instituição educacional - pode contribuir para uma melhor compreensão do seu desenvolvimento em nosso país e do próprio desenvolvimento histórico da cidade Lavras. Além disso, abre espaço para que possamos estabelecer um diálogo com a

---

<sup>1</sup> O Instituto Evangélico ainda está sediado em Lavras. Atualmente, denomina-se ‘Instituto Gammon’, em razão de uma homenagem prestada em 1928 a um de seus fundadores, o Reverendo Samuel Rhea Gammon, morto nesse ano. Atua como uma instituição privada com fins confessionais no ensino básico e superior. Como veremos, nos primeiros anos do século XX, nessa instituição, também foi fundada uma escola voltada para o estudo da agricultura, a qual, anos mais tarde, deu origem à Escola Superior de Agricultura de Lavras, federalizada na década de 1960 e transformada em Universidade nos anos 1990. Atualmente, tal escola se chama Universidade Federal de Lavras (UFLA).

<sup>2</sup> Esse conjunto de fontes foi coletado durante o primeiro semestre de 2015 no acervo do ‘Instituto Gammon’ em Lavras, no Museu Bi Moreira, responsável pelo acervo da Universidade Federal de Lavras e na Biblioteca Nacional que fica localizada na cidade do Rio de Janeiro.

literatura já existente na área da Educação Física, ora como comprovação empírica daquilo que já foi produzido ora como questionamento dessa produção (Melo, Drumond, Fortes & Santos, 2013)

## **O Instituto Evangélico: ‘Dedicado à glória de Deus e ao progresso humano’**

O ano de fundação dessa instituição educacional em Lavras, ‘pitoresca cidade sul-mineira’, é 1893, mas sua origem pode ser remontada a 1869, ano da chegada a Campinas, província de São Paulo, do ‘Reverendo Morton’ e do ‘Dr. Lane’, missionários presbiterianos que vieram do sul dos Estados Unidos para o Brasil com o objetivo de executar o ‘sonho missionário’ por meio da educação confessional. Eles iniciaram suas atividades dividindo experiências de alfabetização de adultos naquela cidade e, anos mais tarde, em 1874, fundaram o Colégio internacional. Tem-se, assim, a primeira escola evangélica de iniciativa norte-americana criada no Brasil e na América do Sul (Ferreira, 1992).

Warde (2000) alerta-nos sobre o americanismo como um processo educacional no Brasil, o qual teve nas escolas o seu apanágio. Para a autora: “[...] o americanismo penetrou no Brasil e constituiu-se em cultura, moldou formas de pensar, sentir e viver; tornou-se parâmetro de progresso, felicidade, bem-estar, democracia, civilização [...]” (Warde, 2000, p. 43). Para além do aspecto doutrinário da religião protestante, existia o interesse na prospecção do desenvolvimento do capitalismo no sul dos Estados Unidos, em virtude das disputas internas que ocorriam no país após o fim da guerra civil (1861-1865). As terras brasileiras, nesse caso, representavam uma via para o desenvolvimento dessa forma de significação cultural, do capitalismo, no sentido de uma prática habitual: religião, moralidade conforme a ética protestante e educação (Weber, 2004; Rossi, 2010).

No ano de sua fundação, o colégio contava com 174 alunos no ensino primário, divididos em duas seções, masculina e feminina, em regime de internato, sendo as aulas ministradas conjuntamente. Tal número foi aumentando progressivamente até o final daquela década. Já naquele momento, a essa obra missionária eram atribuídas valorosas características, notadamente no que diz respeito à estrutura de funcionamento e ao ‘culto ao espírito’ típico daquela instituição (Instituto Gammon, 1950). Isso significava a construção de uma cultura, uma conduta de vida, cujos fundamentos morais, simbólicos e econômicos

estavam baseados na tradição protestante e na construção psicofísica de um ‘homem novo’ (Ribeiro, 1981; Warde, 2000).

Para Neto e Schneider (2008, p. 139):

A passagem do século XIX para o século XX é marcada por um intenso movimento de busca de modernização. A busca pelo moderno, pelo novo, pelo que deu certo em outros países aparece com grande força nas discussões relativas ao futuro do Brasil. A modernização do campo educacional é percebida como primordial para o desenvolvimento nacional, para a criação de novas mentalidades, já não arraigadas ao tradicionalismo imposto pela pedagogia de orientação jesuítica, mas orientado para a construção de um novo homem para uma nova sociedade que se anuncia. Os novos rumos visualizados necessitam de um homem que se adapte a um mundo em constante transformação. Desse modo, necessita-se de um homem educado, moral, física e socialmente. A educação passa a ser percebida como forma de produzir esse homem, ao mesmo tempo em que é elevada a ferramenta capaz de tirar o Brasil do atraso cultural em que permanecia, quando comparado com alguns países da Europa e da América do Norte.

Nesse período de atividades educacionais, a instituição passou por diferentes problemas, dos quais os mais notórios decorriam dos custos elevados de sua manutenção. De acordo com as fontes, o ‘Rev. Morton’, principal responsável pela instituição à época e defensor desses altos investimentos, entrou em rota de colisão com o comitê de Nashville e, por isso, foi retirado da direção do colégio. Em 1879, este ficou sob a responsabilidade do ‘Dr. Lane’ que, além das atividades próprias da instituição, também teve que administrar as dívidas contraídas pelo seu antecessor para a manutenção do colégio (Instituto Gammon, 1950).

A década de 1880 pode ser considerada como um momento de inflexão nessa instituição em relação aos tempos vindouros, pois foi nesse período que a ‘D. Carlota Kemper’ e o ‘Rev. Samuel Rhea Gammon’ passaram a integrar a missão (Instituto Gammon, 1950). Tal afirmação deve-se ao protagonismo que esses dois missionários tiveram no desenvolvimento das práticas escolares que representavam aquela doutrina religiosa (Deodato, 1986).

Além disso, os rumores sobre o surto de febre amarela na cidade de Campinas (SP) viraram realidade a partir de 1890. Aquele ano letivo se

iniciava com apenas 7 alunos matriculados no colégio, “[...] número que, não obstante ao receio dos pais, foi aumentando de dia para dia” (Instituto Gammon, 1950, p. 4). No entanto, não demorou muito tempo para que a ‘terrível moléstia’ esvaziasse toda cidade, sendo necessário o encerramento imediato das aulas. Somente em 1892, foram realizadas outras tentativas de abertura da instituição, três no total; no entanto, mais uma vez a mesma epidemia interrompia o processo, “[...] obrigando alunos e professores a fugir para outros lugares e vitimando, um após outro, professores estrangeiros” (Instituto Gammon, 1950, p. 4).

Antes do encerramento definitivo das atividades, já se sabia que era necessária a mudança de cidade para o prosseguimento das aulas, de forma que a trajetória da instituição seria construída em outro lugar. No entanto, não foram somente os problemas relativos à epidemia que impulsionaram a mudança. Problemas internos à missão também foram determinantes, notadamente os relacionados ao papel da educação no processo de evangelização. Depois de seguidas viagens de reconhecimento pelo oeste e pelo sul de Minas Gerais em busca de uma nova cidade, o ‘Dr. Gammon’ e outros integrantes da missão, optaram por Lavras, no sul, para dar continuidade ao trabalho missionário (Rossi, 2010).

Foi no dia primeiro de fevereiro de 1893, em uma casa alugada pela missão, próxima ao centro da cidade de Lavras, após a chegada dos materiais necessários vindos de Campinas, os quais “[...] incluíam carteiras recém-adquiridas da América do Norte, a louça e os utensílios de cozinha, bem como a biblioteca [...]” (Instituto Gammon, 1950, p. 6), que as atividades escolares tiveram seu início. Primeiramente, as atividades eram ministradas apenas para 9 alunas, mas em apenas uma semana essa instituição educacional dos missionários já contava com 14 alunas. Juntamente com as atividades escolares, outra prática foi desenvolvida: a propaganda da doutrina evangélica por meio de uma atividade intensa de publicação de jornais. Desde esse primeiro ano de funcionamento, a instituição educacional passou a ser chamada de “Instituto Evangélico de Lavras, nome que indica claramente a sua natureza e seus fins” (Instituto Gammon, 1950, p. 6).

Em 1895, como parte das atividades do Instituto, foi aberta, em um “[...] prédio situado no largo de Sta-Anna, uma aula de instrução gratuita [...]” com o intuito de fazer progredir as atividades educacionais da missão (Instituto Evangélico, 1895, p. 1).

Isso é uma evidência do processo atípico que constituiu a chegada da missão a Lavras. Normalmente, nas missões realizadas em terras brasileiras, as atividades educacionais eram precedidas da fundação das congregações ou das igrejas, mas, em Lavras, sobretudo em razão daquilo que o ‘Rev. Samule Rhea Gammon’ acreditava, o projeto educativo antecedeu a essas estruturas (Rossi, 2010).

Os escritos desse missionário sobre a realidade brasileira em alguma medida nos ajudam a compreender melhor esse processo inverso. Para ele, havia a necessidade premente de reversão do quadro de analfabetismo na cidade, considerado como o reflexo de uma problemática nacional. Seu objetivo era claro: o fortalecimento dos princípios da doutrina protestante entre a população (Gammon, 1910).

As fontes nos revelam que, durante os primeiros anos, a maior parte da atuação do Instituto estava voltada para formação educacional no internato feminino, tanto é que sua alcunha ‘escola de meninas’ permaneceu até 1904 (Instituto Gammon, 1950). Havia também o externato, tanto para o público feminino quanto para o masculino. Uma propaganda do Instituto em um periódico local oferece a descrição de suas atividades:

O curso de estudos que abrange Primeiras Letras, Calligraphia, Desenho Industrial, Musica, História Patria e Universal, Mathematica, Sciencias Physicas e Methaphysicas, Portuguez, Francez, Inglês e Latim dividi-se em três cursos: o primário, de quatro annos, o secundário, de dois annos, e o superior, de dois annos (Instituto Evangélico, 1896 p. 3).

Com o desenvolvimento da ‘escola de meninas’ e o aumento progressivo da procura pelo internato masculino, o Instituto Evangélico abriu a seção de meninos em 1903, mas o primeiro ano letivo dessa turma começou em “[...] 2 de fevereiro de 1904 [...] tendo assistido às aulas, naquele primeiro dia, 9 alunos, sendo três internos” (Instituto Gammon, 1950, p. 7). Sobre a abertura das aulas, o ‘Rev. Samuel Rhea Gammon’, então diretor do Instituto, escreveu:

Hoje a nossa escola de rapazes foi aberta! Graças a Deus eu vi essa esperança realizada! Mas não era tanto a escola, como os resultados, o que eu mais desejava. A escola, no meu sonho era apenas um meio para um fim. O fim é preparação de moços para uma vida útil, para serviço honrado e abençoado, na

igreja de Deus no Brasil e, especialmente, para o bendito ministério do filho de Deus. Oh! Que Deus não permita que o meu sonho seja realizado somente quanto ao seu lado material (Gammon, 1893-1922).

Em 1906, a escola de rapazes foi elevada à categoria de ginásio. Tal processo se se deveu à importância do Instituto para cidade de Lavras, apesar dos poucos anos de sua fundação, e à própria necessidade local de desenvolvimento de uma instituição que estivesse adequada aos novos parâmetros de progresso que estavam colocados naquele primeiro período republicano: “Se tudo correr bem, o nosso diploma de bacharel em ciências e letras será válido em qualquer uma das escolas profissionais do governo” (The Evangélical Institute, 1906, p. 3).

Isso fica claro na seguinte passagem:

O entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico, que tão bem caracterizam a década dos anos vinte, começaram por ser, no decênio anterior, uma atitude que se desenvolveu nas correntes de ideias e movimentos político-sociais e que consistia em atribuir importância cada vez maior ao tema da instrução nos seus diversos níveis e tipos (Nagle, 1974, p. 101).

Ao todo, três escolas constituíam o Instituto Evangélico de Lavras: a ‘escola de meninas’, a primeira de Lavras; a ‘escola gratuita’, destinada à população pobre da cidade, e a ‘escola de rapazes’ que passou a integrar o Instituto somente em 1904, embora este, desde alguns anos, já oferecesse instrução aos meninos como parte de suas atividades educacionais, como já mencionamos. Por meio dessas três escolas, a missão acreditava que seria possível a construção de um ‘ideal’ para a cidade: a união entre o trabalho acadêmico e a formação profissional (The Evangélical Institute, 1906).

Com esse ‘ideal’, as atividades da ‘escola gratuita’ ocorriam nas salas da igreja presbiteriana; as da ‘escola de meninas’, em um prédio recém-comprado pela igreja na praça principal da cidade de Lavras, e as atividades da ‘escola de rapazes’, em uma chácara próxima ao centro cidade. Ao longo dos seis anos de atividades escolares no Instituto, além das que tinham relação com a formação acadêmica, as meninas trabalhavam pelo menos uma hora por dia com as práticas de culinária e costura, e os rapazes, com as práticas manuais nas oficinas, utilizando

madeira e couro para encadernação das publicações do Instituto (The Evangélical Institute, 1906).

A partir de 1908, na ‘escola de meninas’, denominada como “[...] Colégio Carlota Kemper, como justa homenagem à querida preclara mestra, que durante tantos anos se dedicara ao seu interesse”, foi introduzido o seguinte ‘ideal’:

Há muito tempo desejamos organizar um curso normal sob a direção de professoras habilitadas. Chegou afinal o dia, e agora oferecemos às alunas do Colégio Carlota Kemper um curso que as prepare para a carreira do professorado (Instituto Evangélico, 1909a, p. 2)

Na ‘escola de rapazes’, foi desenvolvido um curso de ‘ciências agrícolas’ com o intuito de introduzir novas técnicas nessa área de produção. Já em 1906, existia uma esperança acerca do que esse ideal de formação poderia representar para a missão evangélica: “[...] ele promete tornar-se rapidamente a principal virtude de nossa obra” (The Evangélical Institute, 1906, p. 4). Para que isso de fato ocorresse, novamente, aquilo que era considerado ‘ideal’ para a cidade de Lavras estaria à frente do empreendimento: “A formação profissional possui duas vantagens. Ela nos oferece a articulação entre teoria e prática, assim como ela permite que os estudantes possam financiar os seus próprios estudos” (The Evangélical Institute, 1906, p. 4).

Ao que tudo indica, apesar de não fazer uso direto da doutrina protestante por meio das disciplinas dos seus diferentes cursos, o Instituto Evangélico de Lavras estabelecia uma relação de convencimento permanente dos alunos, por meio de estratégias didáticas baseadas na ‘pedagogia moderna’, o que evidenciava os princípios da instituição no desenvolvimento das atividades escolares. Parece-nos, portanto, que havia uma lógica muito próxima à ideia de:

[...] valorização religiosa do trabalho profissional mundano, sem descanso, continuado, sistemático, como o meio ascético simplesmente supremo e a um só tempo comprovação o mais segura e visível da regeneração de um ser humano e da autenticidade de sua fê, tinha que ser, no fim das contas, a alavanca mais poderosa que se pode imaginar da expansão dessa concepção de vida que aqui temos chamado de ‘espírito’ do capitalismo (Weber, 2004, p. 157, grifo do autor).

No empreendimento do Instituto, a prática diária estava em consonância com as demandas da missão; no entanto, apesar desse ‘ideal’, seu desenvolvimento foi lento e sujeito a muitos problemas: eram escassos os recursos financeiros para a compra de terras e de melhores utensílios para as oficinas e também baixo o número de trabalhadores com a qualificação desejada para atender às demandas (Instituto Evangélico, 1907, p. 2). Naquela época, muitos acreditavam que o Instituto dispunha de recursos para o atendimento dos alunos pobres, mas isso era um equívoco, na medida em que todo lucro era destinado a “[...] proporcionar às meninas e aos rapazes, a quem faltam os recursos pecuniários, as vantagens da instrução” (Instituto Gammon, 1950, p. 9). Tudo girava em torno das oportunidades educacionais.

Em junho de 1909, a primeira turma de bacharéis concluiu o curso. A cerimônia de formatura foi realizada no “[...] majestoso prédio de aulas, por ocasião da inauguração do mesmo [...]”. No arco do palco do novo prédio o ‘Rev Samuel Rhea. Gammon’ mandou escrever as “[...] seguintes palavras, que com o passar dos anos vieram a servir de lema à instituição: Dedicado à glória de Deus e ao Progresso Humano” (Instituto Gammon, 1950, p. 9).

Tais comemorações repercutiram na imprensa local, que destacou, na programação do evento, uma série de atividades, como jantares, apresentações de músicas e uma partida de *football* entre “[...] os alunos da escola agrícola e os gymnasianos” (Instituto Evangélico, 1909b, p. 2).

Nesse momento, a cidade de Lavras efervescia, conforme nos informa o jornal Folha de Lavras, cujas publicações entre 1907 e 1909 foram por nós analisadas. A execução de práticas como cinema, teatro, eventos públicos na praça principal da cidade, eventos escolares e esportivos, bem como a própria chegada da luz elétrica à cidade e de um novo terminal de linha férrea indicavam o desenvolvimento de um modo de vida que buscava se aproximar daquilo que acontecia nos principais centros urbanos do país e estabeleciam uma lógica de sociabilidade propícia às novas representações sociais que emergiam. O ideal da modernidade, ou seja, a articulação do modelo econômico capitalista a um novo modo de vida (hábitos, costumes e práticas), assentara suas bases na cidade de Lavras, em grande parte em função do Instituto Evangélico.

Vale destacar nesta seção, portanto, que os objetivos da missão evangélica, desde seu início, apesar de todos os contratempos, foram atingidos. O Instituto Evangélico é a sua materialidade. Na cidade de

Lavras, a ideia de articulação entre a doutrina protestante e o desenvolvimento capitalista, cujos instrumentos foram a educação confessional e a formação acadêmica e profissional (agricultura e magistério), foi a tônica do período. Todavia, outras atividades educacionais também eram utilizadas com essa finalidade: esse era o caso do esporte, uma prática um tanto quanto peculiar para aquele momento, mas adequada às novas demandas que surgiam na cidade.

## **O Instituto evangélico e o esporte: ‘Meins sano e corpore sano’**

Não sabemos ao certo em que momento o esporte foi introduzido nas atividades escolares do Instituto Evangélico; no entanto, encontramos evidências da ‘atenção especial’ dispensada ao “[...] desenvolvimento physico e moral, bem como ao intellectual e moral dos alunos [...]” ainda nos anos finais do século XIX (Instituto Evangélico, 1896, p. 3). Isso significa que, muito provavelmente, as práticas utilizadas para esse ‘desenvolvimento physico’, caso do esporte, tenham sido aquelas peculiares à cultura norte-americana do século XIX.

Baía (2012), em seu estudo sobre o projeto formador da Associação Cristã de Moços no Brasil (1890-1929), identifica que o esporte e a ginástica foram os elementos constituidores de uma cultura física cujo objetivo era disseminar a doutrina cristã, especialmente a protestante, na sociedade brasileira. A origem americana dessa instituição, que também possuía uma função educacional, é uma evidência de que tais práticas faziam parte da cultura daquele país.

Ademais, segundo Cunha Junior (2011), é possível que uma escola de origem metodista, localizada em Juiz de Fora (MG), o Colégio Americano Grambery, tenha sido, ainda no século XIX, a instituição responsável pela realização da primeira partida de *football* em terras brasileiras em 1893. O mesmo autor, analisando um periódico local, apresenta evidências de que o esporte era uma prática naquela instituição escolar desde 1907.

Nada mais natural, portanto, do que o Instituto Evangélico de Lavras também ter feito uso do esporte, em especial do futebol, em suas atividades escolares. A proximidade geográfica entre essas duas cidades mineiras e a própria ideia de circularidade cultural nos levam a inferir isso. Para tanto, baseamo-nos na ideia de que

[...] não existe uma contraposição entre os códigos culturais provenientes de grupos sociais distintos, mas uma circularidade da cultura que, em sua apropriação, é sempre transformada de acordo com as competências dos indivíduos ou grupos que dela fazem uso (Ginsburg apud Neto; Schnider, 2006, p. 112).

A primeira menção ao desenvolvimento das práticas esportivas no Instituto Evangélico ocorreu dois anos após aquela veiculada no periódico de Juiz de Fora sobre o Colégio Americano Grambery. Uma notícia foi veiculada na imprensa da cidade de Lavras sobre a realização das comemorações de formatura da primeira turma de bacharéis do Instituto em 1909: “[...] – Na partida annual do football, no dia 31, entre os alunos da escola agrícola e os gymnasianos houve empate [...]” (Instituto Evangélico, 1909c, p. 1).

Nesse mesmo ano, outra partida de *football* foi noticiada no mesmo periódico, só que, dessa vez, a informação se referia ao convite realizado pelo Instituto Evangélico à imprensa local para a cobertura da partida que “[...] ocorreu animadíssima e não houve vencedores” (Instituto Evangélico, 1909d, p. 1).

Ao que tudo indica, para que o Instituto realizasse esse conjunto de atividades, em alguma medida, teria que existir uma organização ao redor da prática esportiva: campos, materiais, lugares para os espectadores e imprensa, bem como regras de funcionamento das atividades na instituição escolar.

Já naquele momento, existiam dois clubes dedicados ao *football* no Instituto: “[...] o Agrícola e o Himalaia” (Associação Athletica..., 1919, p. 2). A própria criação do ‘Lavras Sport Club’ em 1913 por ex-alunos do Instituto (Oliveira, 1972), o primeiro dedicado ao *football* na cidade, também é um forte indicador de que a organização do esporte estava sob responsabilidade do Instituto até mesmo fora dele.

Seguindo o mesmo caminho do futebol, outra modalidade esportiva figurava com destaque na cidade de Lavras em 1913; o *volley ball*, uma prática iniciada no Instituto Evangélico e que deu origem ao *Simms Voley Ball Club*. Este clube foi criado por ‘Mr. Simms’<sup>3</sup> e possuía como

---

<sup>3</sup> Henry J. Simms foi o primeiro ‘diretor e iniciador dos trabalhos físicos no Instituto’. Foi também diretor da Associação Cristã de Moços no Rio de Janeiro. “É diplomado por uma das Universidades do Estados Unidos; veio para o Brazil com o fim único de divulgar a educação physica entre a mocidade brasileira. Dr.

característica principal a participação feminina “[...] com os seus elegantes uniformes de saias que cobriam os pés [...]” (Breve notícia..., 1975, p. 5).

Uma passagem sobre a interferência do Instituto nas práticas esportivas que ocorriam fora dele é mais uma evidência de seu pioneirismo e de sua importância para a cidade de Lavras. Aproximadamente em 1915, a ‘rivalidade esportiva’ entre o ‘Himalaia’ e o ‘Lavras Sport Club’ era intensa a ponto de gerar constantes confusões nos encontros esportivos dessas agremiações.

Os ânimos exaltavam-se. Conflictos se esboçavam. As discussões apaixonavam os espíritos de todos. O esporte que pregávamos entusiasmamente como um fator de aproximação social transformava-se pelo contrário em fermento de ódios (O Gentleman..., 1928, p. 1).

Como forma de resolver essa situação, o ‘Rev. Samuel Rhea Gammon’, reitor do Instituto, convocou uma reunião com

vários membros do clube da cidade. Fomos nervosos com atitude extremada de partidários. Éramos quasi todos ex-alunos do ilustre reitor. Ouvimo-lo. Muito mais do que respeito devido ao velho mestre, calou, em nosso espírito, a atitude serena de sua linha impecável de *gentleman*: vocês são moços; é natural o ardor com que defendem suas idéas. Mas ouçam a experiencia do velho mestre [...] (O Gentleman..., 1928, p. 1).

Em vez de ser prejudicial ao desenvolvimento da prática, essa percepção sobre o potencial educativo do esporte motivou o Instituto Evangélico de Lavras a criar em 8 de abril de 1916 sua Associação Atlética, com o objetivo de que nenhuma outra instituição esportiva o representasse (Associação Athletica..., 1919, p. 2).

A finalidade dessa associação estava voltada para: a ‘educação physica’ por meio de diferentes modalidades esportivas (*football*, *Volley ball*, *Basket ball* e o *tennis*) e da ginástica; a manutenção do ‘espírito de sociabilidade’ da Instituição educacional; a relação com “[...] *clubs congeners* afim de coadjuvar o progresso moral e material da instituição

---

Simms representa esse tipo nobre do americano que tem a virtude por norma e o trabalho por satisfação” (Dr. Henry..., 1919, p. 3)

[...]”; a realização de “[...] campeonatos e outras festas desportivas” (Instituto Evangélico, 1919, p. 8).

As regras de funcionamento eram rígidas naquele momento, em razão das turbas que já haviam ocorrido em Lavras. Havia poucas possibilidades de um sócio da Associação participar de qualquer outra agremiação, o que era um indicador do que estamos afirmando: “[...] esse estabelecimento com a sua Associação Athletica pode em Lavras proporcionar uma educação physica methodicamente administrada ao seu pessoal [...]” (Instituto Evangélico, 1919, p. 9).

Outra importante atribuição da ‘Associação Athletica’ era a publicação de seu jornal *O Estudante* que contava com uma ‘Secção Scientifica’, uma ‘Secção Agrícola’ e uma ‘Secção desportiva’. Essa era uma prática muito comum entre os missionários e uma forma de propagação da doutrina protestante. O funcionamento desse órgão de publicação era centralizado. O ‘Director’ do Instituto, seu primeiro responsável, e o “[...] redactor, um professor ‘investido pelo director’, o segundo responsável. Ainda existia uma ‘comissão de gerencia’, responsável pela parte de materiais e um ‘thesoureiro’, responsável pela parte financeira” (Expediente..., 1919, p. 2, grifo do autor).

Logo em seu primeiro número, em 1919, três anos depois da fundação da Associação Atlética do Instituto, foram divulgadas suas finalidades, dentre as quais a de que a publicação seria uma forma de ratificar os princípios da doutrina protestante. Ressaltamos, no entanto, que, no caso do esporte, tais princípios já haviam sido expostos em seu estatuto (Associação Athletica..., 1919, p. 2).

Coube à ‘educação physica’, “[...] parte integrante dos programmas das escolas, para a ideal educação d’um individuo [...]” (A educação physica..., 1919, p. 03), assim como das escolas norte-americanas, executar tais finalidades:

Aqui no Instituto Evangélico as atenções são bastante voltadas para este ramo da educação e feito de modo empírico. A cultura fisica aqui não tem em vista o entumescimento dos músculos, porém corrigir alguns defeitos fisicos e dar saúde bastante aos alunos. As aulas de ginástica são ministradas ao ar livre, numa béla avenida sombreada por um bambual que a margeia. Há vantagens em serem feitos os exercícios ao ar livre, facilitando os exercícios de respiração. Há vários aparelhos, barras, paralelas, argola, cavalo, etc. Para os jogos: football, Volley ball, Basket ball e tennis há campos especiais para cada

um. A ginástica dá flexibilidade ao corpo, os aparelhos dão músculos e os jogos proporcionam a agilidade. Mens sana in corpore sano (A educação physica..., 1919, p. 03).

Essa compreensão da Educação Física era ampla e estava em consonância com o pensamento sobre a disciplina naquele contexto histórico. A ginástica, nesse caso, desempenharia um papel central na preparação dos corpos para o desenvolvimento do esporte, sendo que, em ambos os conteúdos, a preparação do físico, tendo em vista as virtudes necessárias para a formação profissional, era considerada como a finalidade da disciplina (Azevedo, 1960).

Fica claro nesta seção, portanto, que o processo de organização do esporte no Instituto Evangélico de Lavras foi influenciado pelo modo como os missionários compreendiam a prática. Ela foi organizada por eles e, sem ficar restrita ao espaço da instituição educacional, transcendeu seus limites e, em alguma medida, interferiu no processo de organização do esporte na própria cidade de Lavras. A ‘Associação Athletica’ foi o primeiro nível dessa organização e a ‘educação physica’, a disciplina responsável pela execução dos seus objetivos. Ademais, foram as práticas que, para além dos objetivos, determinaram o modo pelo qual uma ‘cultura escolar de esporte’ foi se solidificando na instituição educacional.

### **O que nos informam as fontes?**

Uma ‘cultura escolar de esporte’ se expressa quando uma instituição estabelece uma proposição para esse fenômeno social, o que não quer dizer que ela não seja influenciada por ele, já que reproduz em alguma escala aquilo que lhe é inerente (Vago, 1996).

É justamente esse o caso do Instituto Evangélico de Lavras. Nessa escola, como veremos, as práticas esportivas, ao mesmo tempo em que foram organizadas pelos missionários com base nas experiências do seu país de origem, Estados Unidos da América, sofreram interferência daquilo que vinha se organizando em termos de esporte no âmbito da realidade brasileira.

Naquele momento histórico de transição do século XIX para o XX, tal fenômeno se espalhou por diferentes cidades do país estabelecendo com elas relações distintas. Em algumas, o desenvolvimento do esporte estava associado à construção de uma experiência simbólica mais do que às condições econômicas e políticas já existentes; em outras, ao crescimento e à reformulação do espaço urbano, o que incluía o desenvolvimento e a

diversificação das atividades econômicas, o estabelecimento de uma relação multifacetada com o exterior e a gestação de uma nova excitabilidade pública (Melo, 2010).

É possível afirmar que, em Lavras, ocorreu uma associação entre esses dois modelos explicativos, na medida em que o Instituto Evangélico foi um fator de desenvolvimento capitalista na cidade, onde introduziu práticas típicas desse modo de produção, entre elas o esporte. Essa foi uma experiência simbólica vinculada àquela instituição e, ao mesmo tempo, um fator de desenvolvimento econômico. É por isso que estamos afirmando que o Instituto Evangélico era permeável a influências externas no seu trato com a prática esportiva.

Logo no segundo número do periódico da Associação, o *football* foi analisado conforme sua introdução em duas grandes cidades brasileiras: São Paulo e Rio de Janeiro. Foram abordados também seus benefícios para os praticantes nessas cidades, notadamente em razão do “[...] fato de ser uma prática realizada ao ar livre [...]”, “[...] do preparo do homem para a defesa da pátria [...]”, “[...] do seu desenvolvimento físico e atletico para as atividades laborais, funcionando como uma boa ginástica” (Football..., 1919, p. 3).

Nos primeiros vinte anos do século XX, o desenvolvimento do futebol foi desproporcional em comparação com outras modalidades praticadas no âmbito do Instituto Evangélico. O número de registros sobre ele nos periódicos pesquisados é que nos dá essa medida. Além disso, naquele contexto, a prática já estava bastante desenvolvida no país, e isso, sem dúvida, também influenciou a cidade de Lavras: “[...] o futebol, pouco mais de duas décadas depois de lançar suas raízes entre nós, unia o país e proporcionava uma vívida manifestação popular de orgulho patriótico” (Franzini, 2009, p. 129).

Em 1919, a prática já estava disseminada na cidade de Lavras, o que trouxe novas demandas. Entre elas, uma reforma do campo do Instituto, iniciada durante primeiras férias escolares daquele ano, mas que, em virtude da ‘abundância de chuvas’ no período, foi inviabilizada. Assim, o ano letivo começou sem que essa prática pudesse ser desenvolvida. Em decorrência desse fato, o *football* foi praticado em outras praças e contra times de fora do Instituto: “Hoje, haverá em Ribeirão, um machth amistoso entre o team d’ali e um da associação, tendo como fim principal o estreitamento das relações destas sociedades, que já são bastante amigas” (A. A. I..., 1919, p. 03).

De acordo com as fontes, por decisão do próprio *team* do Instituto, tal amistoso não ocorreu:

Conforme se anunciou no último número dessa folha, os teams dos ‘Irmãos e da Associação’ iam se encontrar em machth amistoso no dia trez do corrente. Os nossos players que embarcaram às nove e meia, voltaram às onze horas, tendo resolvido não jogar por causa do máo estado em que se achava o campo, devido ao tempo chuvoso (Irmãos F. C..., 1919, p. 3, grifo do autor).

Outras referências contidas no jornal da Associação revelam a ocorrência de mais partidas ao longo desse ano fora do Instituto Evangélico, as quais, na maior parte das vezes, por seu intermédio. A prática de ‘convidar’ outras agremiações esportivas atendia a uma das finalidades estatutárias da Associação Atlética, a convivência com outras agremiações, e ainda viabilizava o desenvolvimento do futebol, já que as outras modalidades eram praticadas, em menor escala é verdade, rotineiramente nas instalações da instituição.

Mesmo que ‘jogar em outras praças’ fosse uma alternativa para enfrentar o problema da reforma do campo do Instituto<sup>4</sup>, alguns acontecimentos externos à instituição e que tinham relação com a prática esportiva eram julgados conforme o estatuto da ‘Associação Athetica’. Foi esse o caso de dois alunos que integravam o *team* do Instituto e que, em virtude do pouco espaço para o desenvolvimento do *football*, já que o campo se encontrava em reforma, procuraram um time local para participar de suas atividades.

O srs. João Alfredo e Otávio Araujo foram, naquella reunião, julgados por terem transgredido o artigo 6º dos nossos estatutos, tornando parte da

---

<sup>4</sup> Essa reforma foi concluída naquele mesmo ano. No entanto, não encontramos ocorrências no jornal pesquisado sobre o momento exato de sua inauguração, apenas encontramos as tratativas para que isso ocorresse: “Convidamos, em primeiro lugar, o Sport Club Gramberyense, de Juiz de Fora, que por motivos justos, deixou de nos atender. Em vista do Club Desportivo Sparta de São João D’el Rei ter, como nós, vários departamentos de sports, quisemos disputar com ele, não só o foot ball, como volley e o basketball. Infelizmente os nossos amigos não puderam vir. E o mesmo aconteceu com o Athletic, com o Bom Sucesso e com o Barra Mansa” (Estreia..., 1919, p. 4).

agremiação da cidade. A pena que a unanimidade dos sócios presentes lhe impoz, foi que fossem expulsos da nossa sociedade (A. A. I ..., 1919, p. 3).

Tal julgamento, bem como a execução daquilo que havia sido decidido em assembleia demonstram interferência do Instituto Evangélico no fenômeno esportivo que se desenvolvia na cidade naquele momento.

No entanto, o noticiário veiculado pelo *O Estudante*, sobre o “[...] 3º campeonato sul americano de football [...]” que estava sendo realizado “[...] no stadium do Fluminense no Rio de Janeiro” (Campeonato..., 1919, p. 2), demonstra algum nível de permeabilidade. Isso pode ser percebido na exaltação que o jornal fazia das “[...] vantagens que dá o *football* [...]”, entre elas, para além dos benefícios relativos à saúde, “[...] o estreitamento dos laços de amizade destas quatro grandes potências da América do Sul” (Campeonato..., 1919, p. 2).

O jornal da Associação reiterava o sentimento que se espalhava pelo Rio de Janeiro, sede do sul americano, em relação ao *football*. Naquele momento, a cidade carioca estava mobilizada em torno daquilo que acontecia nos gramados: ‘Nas repartições públicas’, nos ‘bancos’ e no ‘Comércio’, haveria expediente apenas até às 12 horas para que todos pudessem assistir à grande final entre o Brasil e Uruguai (Pereira, 2000). Fica claro, portanto, que os interesses do Instituto eram mobilizados quando a influência externa interferia diretamente neles.

Isso fica ainda mais evidente quando vemos que o periódico da Associação definia o significado dos termos ‘Athletica’, ‘Desporto’ e ‘Ginástica’, distinguindo-os com base na seguinte justificativa: “O motivo maior que me leva a trazer a distinção sobre esses treinos é de ver muitas vezes por ai chamarem um indivíduo de *sportman*, e dizem logo que ele é um atleta e verdadeiro ginasta” (Athletica..., 1919, p. 3).

Para eles, seria importante deixar claro o significado de um *sportman* pelo conjunto de suas práticas já que esse comportamento se disseminava pela cidade. Nesse caso, era importante a propagação dos princípios que norteariam o desenvolvimento daquele conjunto de ‘treinos’. Só seria um *sportman* aquele indivíduo que os seguisse no seguinte formato:

Sob o nome geral de atlética – compreende-se todos os exercícios. Além das ginásticas, jogos, natação, luta, etc., é preciso que a pessoa tenha diversões, como a caça, a pesca, os passeios campestres, a corrida, a dança, teatro e enfim

todas as diversões. Desporto – entende-se todos os exercícios e movimentos que se executam com fim de distração ou d’um passa tempo, para ser mais forte do que um outro, para se alcançar prêmios em concursos, etc. Por Ginástica: todo exercício feito de modo racional com o fim de se obter saúde, vitalidade, boa estética, resistência e etc. Estes exercícios podem ser feitos: com ou sem aparelhos fixos ou móveis (Athletica..., 1919, p. 3).

Nesse caso, o tipo de indivíduo que se procurava formar por meio do conjunto das atividades atléticas que eram desenvolvidas no âmbito do Instituto Evangélico era aquele que compreendia a funcionalidade daquilo que estava sendo executado. Tanto o ‘desporto’ quanto a ‘gynástica’ estavam preenchidos com base na noção de racionalidade, traço marcante do modo de vida protestante. Estabelecia-se uma ideia de controle do desenvolvimento esportivo ou de sua ‘uniformização’ (Webber, 2004).

Isso nos remete ao conflito histórico entre os costumes ‘desejosos de diversão’ da sociedade monárquico-feudal e a ‘moral burguesa emergente’ das religiões protestantes do século XIX na Europa, que enxergava no *sport* um fim racional: “[...] à necessária restauração da potência física [...]”, haja vista que o “[...] gozo instintivo da vida [...]” se distancia dos princípios da religião tornando-se “[...] o inimigo da ascese racional [...]”, tanto apresentado “[...] na forma de esporte ‘grã-fino’ ou, da parte do homem comum, como frequência aos salões de bailes e as tabernas” (Weber, 2004, p. 152, grifo do autor).

Outras modalidades esportivas também interferiam no cotidiano das atividades escolares do Instituto e estabeleciam com ele uma relação multifacetada, ora como referência ao lúdico, ora como referência à ‘competitividade’. Esse é o caso do *Recreio Campestre* e da *Taça Collegio Kemper*. No primeiro, o esporte era praticado no contexto de “[...] uma harmonia encantadora [...]”:

Chegando ao lugar aprazado o grupo se dispersou: aqui, amantes do VolleyBall disputavam uma partida desse genero de desporto; outros se divertiam, além, jogando peteca; no caminho que margeia o açude, vários pares, jovens casaes, palestravam, passeando...sobre uma jangada fragil, corajosas senhorinhas e moços animosos cortavam mansamente as águas serenas do pitoresco açude (Recreio..., 1919, p. 2).

No segundo, o esporte era vivenciado conforme seus próprios parâmetros, uma competição organizada entre diferentes times do Instituto. “O torneio constará dos jogos de *football*, *basketball*, *volleyball*, sendo que o primeiro terá o valor de quatro pontos e os outros de dois” (Taça..., 1919, p. 3).

Como observamos nesta seção, o jornal da ‘Associação Atlética’ veiculava os interesses do Instituto Evangélico conforme o diálogo que era estabelecido com seu exterior. Apesar de se praticarem diferentes modalidades, foi o futebol, conforme a tendência nacional naquele momento, a que mais se desenvolveu nessa institucionalização das práticas esportivas nos primeiros vinte anos do século XX na cidade de Lavras.

Ademais, os princípios que norteavam o desenvolvimento dessa prática eram típicos da religião protestante e, por isso, correspondiam ao objetivo de racionalizá-la. Parece-nos, portanto, que essa era a característica mais marcante daquele momento, e o esporte, prática relativamente nova no Brasil, era um dos pilares de propagação da doutrina religiosa ao mesmo tempo em que servia como um instrumento de diálogo permanente com aquilo que ocorria fora da referida instituição educacional.

### **Considerações finais:**

Como vimos na introdução do artigo, a bibliografia corrente na área da Educação Física, aquela que analisa seus aspectos históricos, vem tratando dessa relação entre o fenômeno esportivo e a instituição escolar com alguma frequência, contribuindo inclusive para a formulação de modelos explicativos fundamentais para compreensão do conteúdo dessa relação. Contudo, isso não quer dizer que outras formulações não possam ser associadas àquelas que já foram produzidas.

Em nossa experiência de análise, encontramos elementos para questionar a ideia de que esse debate entre a instituição escolar e o fenômeno esportivo começou a ocorrer com maior vigor a partir da década de 1920. No âmbito do Instituto Evangélico de Lavras esse processo aconteceu anteriormente e por isso analisamos o período que vai de 1893 até 1919. Com a intenção de questionar a referência cronológica, analisamos indicativos de práticas que demonstrassem que o conteúdo esportivo já estava presente em instituições educacionais desde o início do século e também os indícios de que esse processo já tinha ocorrido no século XIX na cidade de Lavras.

O caso do Instituto Evangélico também nos dá elementos para questionarmos os modelos explicativos existentes na área, segundo os

quais o fenômeno esportivo teria ou uma relação de predominância sobre a escola ou, contrariamente a isso, a escola teria uma relação de predominância sobre o fenômeno esportivo. Como vimos, em virtude da constituição histórica da instituição escolar, é possível encontrar uma relação de permeabilidade entre eles. Isso reforça a ideia de uma ‘cultura escolar de esporte’ já exposta no artigo.

Igualmente, foi por conta das peculiaridades históricas da instituição escolar analisada que o esporte se desenvolveu na cidade de Lavras funcionando, ao mesmo tempo, como uma experiência simbólica e como fator de desenvolvimento capitalista. A difusão dos princípios protestantes por meio do esporte estava totalmente associada à ideia de que essa prática poderia contribuir não só para a formação física, mas também para a formação das virtudes morais propícias à formação profissional dos alunos do Instituto Evangélico.

Por fim, vale ressaltar que reconhecemos os limites desta análise no que diz respeito às explicações mais amplas sobre o diálogo entre o esporte e a instituição escolar. A pretensão não foi a de oferecer uma explicação universal e sim um caminho luminoso para outras experiências que por ventura venham a ser analisadas.

## Referências

A. A. I.: notas da secretharia. (1919, 3 de maio). *O Estudante*.

A educação physica no Instituto Evangélico. (1919, 21 de abril). *O Estudante*.

Azevedo, F. (1960). *Da educação física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser* (3a ed.). São Paulo, SP: Edições Melhoramentos.

Associação Athletica do Instituto Evangélico. (1919, 21 de abril). *O Estudante*.

Athletica, desporto e ginástica. (1919, 31 de maio). *O Estudante*.

Baía, A. C. (2012). *Associação Cristã de Moços no Brasil: um projeto de formação moral, intelectual e física (1890-1929)* (Tese de Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Betti, M. (1991). *Educação física e sociedade* (1a ed.). São Paulo, SP: Movimento.

- Bracht, W. (1987). “A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista”. In V. M. Oliveira, & A. G. Faria. *Fundamentos pedagógicos: educação física* (1a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Ao Livro Técnico.
- Bracth, W. (1999). A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, 19(48), 69-88. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf>
- Bracht, W. (2000). Esporte na escola e esporte de rendimento. *Movimento*, 6(12), 14-24. Disponível em: <http://www.seer.ufgrs.br/Movimento/article/viewFile/2504/1148>
- Breve notícia sobre a cultura física em Lavras. (1975, 27 de junho). *Tribuna de Lavras*.
- Campeonato Sul Americano. (1919, 24 de maio). *O Estudante*.
- Cunha Junior, C. F. F. (2011). Práticas corporais em Juiz de Fora (1876-1915). *Pro-Posições*, 22(3), 51-66.
- Deodato, A. (1986, 25 de agosto). O Instituto Gammon e sua obra (fragmento). *Tribuna de Lavras*.
- Dr. Henry J. Simms. (1919, 7 de junho). *O Estudante*.
- Estreia do campo. (1919, 4 de novembro). *O Estudante*.
- Expediente. (1919, 21 de abril). *O Estudante*.
- Ferreira, J. A. (1992). *História da igreja presbiteriana no Brasil* (2a ed.). São Paulo, SP: Casa Editora Presbiteriana.
- Football. (1919, 26 de abril). *O Estudante*.
- Franzini, F. (2009). Futura paixão nacional: chega o futebol. In M. D. Priore, & V. A. Melo (Orgs.), *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais* (p. 107-132). São Paulo, SP: Unesp.
- Gammon, S. R. (1910). *The evangelical invasion of Brazil or a half century evangelical missions in the land of southern cross* (1a ed.). Richmond: Presbyterian Committee of Publications.

Gammon, S. R. *Diários*. 1893-1922.

Instituto Evangélico. (1895). *Regulamento da Eschola Gratuita*. Lavras, MG: Casa Editora Presbiteriana.

Instituto Evangélico. (1896, 4 de janeiro). *Cidade de Lavras*.

Instituto Evangélico. (1907). *Gymnásio Lavras: seus fins e seus planos* (Folheto B). Lavras, MG: Casa Editora Presbiteriana.

Instituto Evangélico. (1909a). *Prospecto do Instituto Evangélico*. Lavras, MG: Casa Editora Presbiteriana.

Instituto Evangélico. (1909b, 30 de maio). *Folha de Lavras*.

Instituto Evangélico. (1909c, 6 de junho). *Folha de Lavras*.

Instituto Evangélico. (1909d, 31 de outubro). *Folha de Lavras*.

Instituto Evangélico. (1919). *Estatutos da Associação Athletica do Instituto*. Lavras, MG: Casa Editora Presbiteriana.

Instituto Gammon. (1950). *O Instituto Gammon: no passado e no presente “Dedicado à glória de Deus e ao progresso humano”*. Lavras, MG: Imprensa Gammon.

Irmãos F. C. versus Associação. (1919, 10 de maio). *O Estudante*.

Linhaes, M. A. (2009). Esporte e escola: astúcias na “energização do caráter” dos brasileiros. In M. Del Priore, & V. A. Melo (Orgs.), *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais* (1a ed., p. 331-358). São Paulo, SP: Unesp.

Melo, V. A. (2010). A guisa de conclusão. primórdios do esporte no brasil: apontamentos comparados. In V. A. Melo (Org.), *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos xix e xx* (1a ed., p. 331-350). Rio de Janeiro, RJ: Apicuri.

Melo, V. A., Drumond, M., Fortes, R., & Santos, J. M. C. M. (2013). *Pesquisa histórica e história do esporte* (1a ed.). Rio de Janeiro, RJ: 7 letras.

Nagle, J. (1974). *Educação e Sociedade na Primeira Republica* (1a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Fundação Nacional de Material Escolar.

Neto, A. F., & Schneider, O. (2008). Americanismo e a fabricação do “Homem Novo”: circulação e apropriação de modelos culturais na Revista Educação Física (1932-1945). *Movimento*, 14(1), 135-159.

Neto, A. F., & Schneider, O. (2006). Saúde e escolarização: representações, intelectuais, educação e educação física. In M. A. T Oliveira (Org.), *Educação do corpo e a escola*. Campinas, SP: Autores Associados.

O Gentleman. (1928, 9 de julho). *O Município*.

Oliveira, G. (1972). *Memórias: Lavras Sport Club seu nascimento, vida e...morte*. Lavras, MG: [s.n.].

Oliveira, S. A. (2001). *Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica* (1a ed.). Campinas, SP: Autores Associados.

Pereira, L. A. M. (2000). *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 -1938* (1a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.

Recreio campestre. (1919, 7 de junho). *O Estudante*.

Ribeiro, B. (1981). *Protestantismo e cultura brasileira: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil* (1a ed.). São Paulo, SP: Casa Editora Presbiteriana.

Rossi, M. P. S. (2010). *Dedicado à glória de Deus e ao progresso humano: a gênese protestante da Universidade Federal de Lavras – UFLA (Lavras, 1892-1938)* (Tese de Doutorado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

Taça Collégio Kemper. (1919, 25 de junho). *O Estudante*.

The Evangélical Institute. (1906). *It's planes and purposes* (Folheto A). Lavras, MG: Casa Editora Presbiteriana.

Vago, T. M. (1996). O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente: um diálogo com Walter Bracth. *Movimento*, 3(5), 4-17. Disponível em: [https://www.fef.ufg.br/up/73/o/Texto\\_Tat\\_1\\_\\_1\\_...pdf](https://www.fef.ufg.br/up/73/o/Texto_Tat_1__1_...pdf)

Warde, M. J. (2000). Americanismo e educação: um ensaio no espelho. *São Paulo em Perspectiva*, 14(2), 37-43. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9786.pdf>

Weber, M. (2004). *A ética protestante e o “espírito do capitalismo”* (1a ed.). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Submetido em: 28/09/15

Aprovado em: 15/05/16